Pesquisa

ÍNDICE
- Autores
- Índice de palavras-chaves
- Índice geográfico

NÚMEROS EM TEXTO INTEGRAL
- 2023
  58 | 59 | 60 | 61
- 2022
  54 | 55 | 56 | 57
- 2021
  49 | 50 | 51 | 52 | 53
- 2020
  44 | 45 | 46 | 47 | 48
- 2019
  39 | 40 | 41 | 501 | 42 | 43
- 2018
  34 | 35 | 36 | 37 | 38
- 2017
  30 | 31 | 32 | 33
- 2016
  26 | 27 | 28 | 29
- 2015
  23 | 24 | 25
- 2014
  20 | 21 | 22
- 2013
  17 | 18 | 19
- 2012
  14 | 15 | 16
- 2011
  11 | 12 | 13
- 2010
  8 | 9 | 10
- 2009
  5 | 6 | 7
- 2008
  2 | 3 | 4
- 2007
  1

TODOS OS NÚMEROS →

A REVISTA CONFINS
- Sobre
- Comitês
- Normas para publicação

SUPLEMENTOS
- Traduções

INFORMAÇÕES
- Contatos
- Informações legais e Créditos
- Publishing policies

SIGA-NOS
- Feed RSS

NEWSLETTER INFORMATIVA
- Newsletter da OpenEdition

ACESSO PARA MEMBROS

Journal supported by the Institut des sciences humaines et sociales (InSHS) of the CNRS, 2023-2024

Traduções

2023

A geografia e a questão regional: o complexo geográfico entre regionalização e internacionalização do espaço

La géographie et la question régionale : le complexe géographique entre régionalisation et internationalisation de l'espace
Geography and the regional issue: the geographical complex between regionalization and internationalization

Raimundo Nonato Junior

Tradução de /Tradução de Rodrigo Machado Mahfuz e revisão de Patrícia Reuillard (UFRGS).

https://doi.org/10.4000/confins.50930

Este artigo é uma tradução do:

La géographie et la question régionale : le complexe géographique entre régionalisation et internationalisation de l'espace [fr]

Resumo | Índice | Mapa | Texto | Bibliografia | Notas | Ilustrações | Citação | Autores

Resumos

FRANÇAIS | **PORTUGUÊS** | ENGLISH

Este artigo apresenta alguns resultados e discussões da tese "Geografia regional da fronteira Brasil-França: a tensão entre regionalização e internacionalização da área de Oyapock", enfatizando a importância da análise regional para a pesquisa contemporânea em geografia. Os resultados mostram que as relações regionais na fronteira franco-brasileira se apresentam enquanto um "complexo geográfico" que articula os interesses de diferentes atores, grupos sociais e escalas. Eles são também reveladores da potência apontada pela Geografia Regional para estabelecer diálogos contemporâneos entre a epistemologia da ciência geográfica e as experiências de campo, colocando em relação dimensões físicas, humanas, históricas, políticas e cotidianas que estão presentes na multiplicidade de relações socioespaciais.

Entradas no índice

Index de mots-clés : géographie régionale, frontière France-Brésil, région oyapockoise, épistémologie de la géographie, relations internationales.

Index by keywords: Regional Geography, Franco-Brazilian Border, Oyapock Region, Epistemology of Geography, International Relations.

Índice de palavras-chaves: Geografia Regional, Fronteira França-Brasil, Região Oyapockoise, Epistemologia da Geografia, Relações Internacionais.

Mapa

A região na Geografia: pode-se falar disso de outra forma?
  "E essa região, onde fica?" O espaço de uma região rasgada por uma linha fronteiriça!
"E então?" A região em uma rede de escalas, atores e objetos
  Região: a realidade do trabalho de campo continua sendo uma base fundamental
  A região geográfica como produto dos espaços vividos e a Região administrativa como convenção dos interesses políticos
  A região como categoria geográfica fortemente ligada à terra e às questões fundiárias
  As cidades enquanto "nós" da rede regional e seus "pontos nodais" que agem sobre a influência, a articulação, a dinamização e a mediação das relações homem-ambiente
  As assimetrias do desenvolvimento regional no centro das problemáticas transfronteiriças
"Então, qual horizonte?" A dinâmica regional atual rumo a uma retomada da perspectiva em rede do complexo geográfico
Conclusões: "Que regiões?"

Texto integral

PDF Freemium

Visualizar a imagem

A região na Geografia: pode-se falar disso de outra forma?

1 Falar em Geografia Regional atualmente significa sobretudo falar sobre a ciência geográfica e seus desafios em face de algumas questões clássicas que a constituem: a relação entre espaços gerais e específicos, a tensão entre o espaço mundial e a produção de espaços, o diálogo indissociável entre as dimensões físicas e humanas que constituem seu objeto de estudo (Monbeig, 1957). No entanto, o mundo contemporâneo também apresenta novas questões que se somam às antigas e que advêm, acima de tudo, da atual crise da região e sua reconfiguração provocada por tentativas de globalização do capital e massificação de modelos de produção e de utilização do espaço (Claval, 2004. Hoekveld, 2014; Paasi, 2003; Haesbaert, 2011).

2 Nesse contexto, a "região" como categoria geográfica revela-se um dispositivo para a análise de limites e caminhos da Geografia contemporânea, permitindo abordar algumas dessas questões clássicas e levantando novas problemáticas baseadas no contexto acelerado da sociedade de massificação da informação e da mundialização do capital (Haesbaert, 2012, Lencione, 1999, Dantas, 2005).

3 Nessa perspectiva, consideramos necessário pensar a Geografia Regional a partir de debates empíricos e teóricos atuais, bem como recorrer ao campo de estudos cujas problemáticas revelam novas formas/configurações/metáforas de uma região multiescalar (Paasi, 2011, 1986).

4 Desse modo, para compreender as abordagens regionais contemporâneas, é essencial desvincular o conceito de região de quaisquer estereótipos que o concebem (apenas) isolada ou unilateralmente. É preciso conceber a região como uma entidade espacial aberta, formada ao mesmo tempo por duas forças. A primeira é configurada pelas redes humanas no uso do espaço geográfico vivido. A segunda é representada pelas relações multiescalares que atuam sobre a região, a qual se encontra no cruzamento de projetos geopolíticos, socioeconômicos e territoriais que influenciam e transformam constantemente o espaço regional (Nonato Junior, 2016).

5 Ao debruçar-se sobre a região como unidade empírico-teórica, formada tanto pelas dinâmicas sociais quanto pelos discursos políticos e científicos, esta pesquisa ousou escolher como campo de estudo uma fronteira fortemente marcada por uma geopolítica contemporânea contrarregional, que procurou impor os limites administrativos às práticas geográficas. Contudo, no mesmo espaço, as práticas espaciais, históricas, culturais e ambientais formam uma rede regional complexa, fundada no uso do território. Assim, a análise das tensões "regional/global", bem como suas contradições, são os objetos centrais do debate levantado neste texto.

6 Conceito criado em meados do século XX pelo geógrafo Pierre Monbeig, o "complexo geográfico" ainda constitui uma análise científica extremamente eficaz perante os processos de regionalização contemporâneos, uma vez que se trata de uma noção pioneira da região concebida enquanto "rede", "articulação" e "relação" entre diferentes atores e ações geográficas. Os elementos que compõem essa rede provêm da realidade física e social do espaço geográfico, como: as transformações da paisagem, a produção do espaço, os elementos simbólicos ligados ao uso do território, a tensão entre espaço geral e específico, as vias de circulação entre região e outras escalas, a exploração de recursos naturais, o ambiente, as formas de organização das sociedades a partir das diferentes técnicas empregadas no espaço. Assim, a região não é uma força em si, mas um conjunto complexo de forças articuladas que dão uma especificidade ambiental, técnica, cultural, funcional, econômica, simbólica e política a uma área geográfica.

7 Portanto, não se trata de observar "fatos" isolados, uma vez que "a Geografia não é uma ciência de simples fatos isolados, passíveis de serem conhecidos por si mesmos e em si mesmos" (Monbeig, 1957, p. 07).

8 O autor salienta ainda que a Geografia Regional se interessa pelos "complexos de fatos e ações geográficas", pelas "redes", "ações" e "interações" que se desenvolvem em uma área geográfica dada. "A pesquisa geográfica fundamenta-se em complexos de fatos [geográficos] e são esses complexos que, devido ao seu posicionamento no mundo, são os verdadeiros sistemas de ações e de objetos geográficos (Santos, 1994). Cabe ao geógrafo explicar esse lugar, pesquisar suas consequências, examinar as relações, as ações e as interações que unem os elementos constitutivos do complexo geográfico" (Monbeig, 1957, p. 09).

9 Na sequência dessas provocações, este artigo propõe uma análise da questão regional na Geografia contemporânea, com base no exemplo da pesquisa realizada na fronteira do Oiapoque, na tese "Geografia Regional na fronteira Brasil-França: tensões entre regionalização e internacionalização do espaço oiapoquense", realizada pelo autor deste texto, sob orientação de François-Michel Le Tourneau, na Universidade Sorbonne Paris Cité (Universidade Paris III - Sorbonne Nouvelle), no Centro de Pesquisa e Documentação das Américas.

10 A pesquisa de campo foi conduzida sob uma perspectiva comparativa na fronteira franco-brasileira do Oiapoque, entre a Guiana Francesa, departamento ultramarino francês, e o Estado do Amapá. Mais precisamente, o estudo busca analisar a dinâmica regional entre as duas margens da fronteira, seus limites e suas possibilidades.

11 A área geográfica da fronteira do Oiapoque reflete a complexidade territorial do mundo contemporâneo, pois se trata de um espaço onde convivem diversas forças econômicas, escalas, políticas e discursos. Por isso, esse espaço representou um laboratório ideal para se observar as forças da globalização em contextos regionais, da sobreposição multiescalar e das disputas geopolíticas entre os atores regionais e internacionais.

12 São marcantes as assimetrias de desenvolvimento social nessa fronteira, seja em um nível de comparação bilateral (Guiana Francesa-Amapá), seja nas diferentes escalas de comparação nacional (Estado, região, zona fronteiriça). Portanto, o aprimoramento das condições socioeconômicas das sociedades locais é um dos grandes objetivos dos projetos de desenvolvimento propostos em escala governamental, uma vez que essa fronteira constitui uma zona ultraperiférica cujos indicadores sociais são, em grande parte, extremamente inferiores aos dos Estados centrais (Insee, 2010). Existem ainda certas discussões bilaterais a partir de projetos de cooperação transfronteiriça e de acordos políticos franco-brasileiros (França/Brasil, 2008).

13 No contexto contemporâneo da fronteira do Oiapoque, Théry (2011) e Grenand (2012) apontam que é a partir da tensão entre as práticas locais e as escalas exteriores que se inserem os principais desafios da vida no contexto transfronteiriço. Na prática, a conciliação entre essas duas tendências nem sempre é evidente nem fácil. Ela depende, sobretudo, do diálogo de interesses entre as diferentes escalas dos poderes políticos (Estados nacionais, governos regionais) e dos atores fronteiriços (organizações civis, habitantes locais).

14 É por isso que nós consideramos que a compreensão da dinâmica regional na fronteira do Oiapoque passa por uma análise entre diferentes escalas, dentre as quais é preciso compreender a fundo o uso do território por diferentes atores.

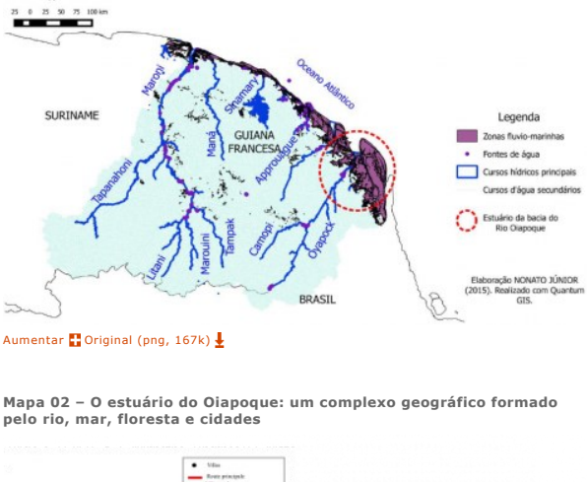
15 Levando em conta esse contexto, este artigo propõe uma análise das relações regionais, refletindo sobre a crise e a reconfiguração da região geográfica. Destaca-se especialmente a escala de concepções locais e os pontos de diálogo que elas estabelecem com outros atores políticos da fronteira. Assim, primeiro é preciso compreender o contexto geográfico e histórico do Brasil e da França na dinâmica regional da fronteira franco-brasileira, e como as demandas locais de desenvolvimento regional estão ligadas com propostas de outras escalas.

"E essa região, onde fica?" O espaço de uma região rasgada por uma linha fronteiriça!

16 A região transfronteiriça do Oiapoque é marcada pela presença de duas cidades na porção setentrional, São Jorge do Oiapoque (Guiana Francesa) e Oiapoque (Amapá), localizadas em uma zona de transição entre o ambiente fluviomarinho da baía do Rio Oiapoque e a floresta amazônica, (3º 84' de latitude Norte e de 51º 83' de longitude Oeste).

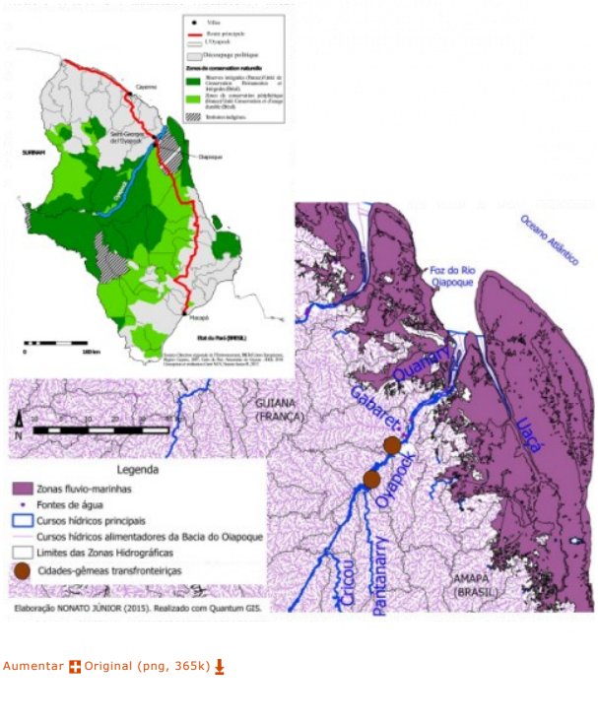
> No que diz respeito à geomorfologia da região, a floresta amazônica cobre a maior porção de solo (mais de 85%). A bacia é caracterizada pela grande volume de água potável e pelas **planícies verdes** de clima equatorial úmido. As baixas altitudes da região se devem ao fato que o escudo das Guianas se caracteriza por uma rede hidrográfica sul-norte marcada pela inclinação do planalto em direção ao Oceano Atlântico (Nonato Júnior, 2015).

Mapa 01 – A rede hidrográfica sul-norte na fronteira do Oiapoque


A BACIA DO OIAPOQUE NO CONTEXTO HIDROGRÁFICO DO PLATÔ DAS GUIANAS
N
SURINAME
GUIANA FRANCESA
BRASIL
Oceano Atlântico
Legenda
Zonas flúvio-marinhas
Pontes de água
Cursos hídricos principais
Cursos d'água secundários
Estuário da bacia do Rio Oiapoque
Elaboração NONATO JÚNIOR (2015). Realizado com Quantum GIS.

Aumentar Original (png, 167k)

Mapa 02 – O estuário do Oiapoque: um complexo geográfico formado pelo rio, mar, floresta e cidades


GUIANA (FRANÇA)
AMAPÁ (BRASIL)
Oceano Atlântico
Foz do Rio Oiapoque
Oiapoque
Uaçá
Cricou
Pantanarry
Legenda
Zonas flúvio-marinhas
Pontes de água
Cursos hídricos principais
Cursos hídricos alimentadores da Bacia do Oiapoque
Limites das Zonas Hidrográficas
Cidades-gêmeas transfronteiriças
Elaboração NONATO JÚNIOR (2015). Realizado com Quantum GIS.

Aumentar Original (png, 365k)

17 A linha fronteiriça possui uma extensão total de 655 km, dentre os quais, mais de 360 km são formados pelo rio Oiapoque. Isso faz do Brasil o país com o qual a França compartilha sua maior fronteira terrestre no mundo. Em publicações anteriores (Nonato Junior, 2015; 2016b), nós analisamos a formação histórica da fronteira, sua constituição territorial e seus sistemas sociais. Recomendamos essas leituras àqueles que querem saber mais detalhes sobre a formação geo-histórica dessa fronteira, mas também Le Tourneau (2013), D'Hautefeuille (2012), Silva (2015) e Granger (2008).

18 Neste artigo, desejamos apresentar, especificamente, alguns dados dos estados brasileiros e da França, com o intuito de analisar seus eventuais efeitos sobre a regionalização da fronteira do Oiapoque.

19 Sobre os Estados Nacionais e sua presença na fronteira, precisamos apresentar as principais características geográficas do Brasil e da França, observando o espaço físico, a formação territorial e os elementos comparativos. Os espaços desses dois países possuem enormes diferenças geográficas. Seja pelo tamanho, pela população ou pelos processos de formação territorial, esses Estados encontram-se em diferentes contextos espaciais. A França possui uma superfície total de 675.417 km², dos quais 551.500 km² fazem parte da França metropolitana e 123.083 km² dos territórios ultramarinos. No que se refere à divisão administrativa, a França e o Brasil possuem estruturas similares, mesmo que suas práticas se orientem em sentidos diferentes. Ambos são compostos por *regiões administrativas*, territórios responsáveis pela articulação dos Estados ou unidades federativas (no Brasil) e dos departamentos (na França). Porém, pode-se observar que as unidades federativas no Brasil têm tamanhos consideravelmente superiores que as das regiões francesas. Por outro lado, os territórios franceses são repartidos em um número de partes significativamente superior que no Brasil. O território brasileiro divide-se em cinco grandes regiões que contém as 26 unidades federativas e o Distrito Federal de Brasília. As unidades administrativas brasileiras possuem o *status* de "Estados federados". Isso quer dizer que elas têm relativa autonomia, como previsto na Constituição da República Federativa do Brasil (Théry e Mello-Théry, 2009; Droulers, 2001).

20 A França, por sua vez, é formada por 27 regiões subdivididas em unidades administrativas chamadas de "departamentos". Essas regiões estão diretamente ligadas à administração geral do Estado. Atualmente, a França conta com 101 departamentos que são, por sua vez, subdivididos em meso e micro-unidades, como os 343 *arrondissements*[1], 4.058 cantões e 36.699 comunas[2]. Um fator que pode explicar a divisão administrativa francesa em muitas partes é uma maior densidade demográfica, cerca de 115 habitantes por km² (INSEE, 2011), contra 22,43 no Brasil (IBGE, 2010). A diversidade linguística, étnica e sobretudo o processo de formação territorial também são fatores que explicam a divisão do espaço francês em várias zonas (Lessa, 2004). Na França, os principais maciços montanhosos são os Alpes, os Pirineus, o maciço Central, o maciço do Jura, os Vosges e o maciço armoricano. A Região/Departamento da Guiana Francesa não possui uma geomorfologia muito acentuada ao norte, mas conta com uma progressiva elevação ao sul. No Brasil, são os maciços da Mantiqueira, do Planalto Central e da Serra do Mar que representam as maiores elevações no território. A fronteira do Amapá é constituída principalmente por uma zona de planícies ao norte, mas a linha fronteiriça atravessa também uma fronteira de altitudes elevadas ao sul, na região da serra de Tumucumaque, com grande biodiversidade ligada ao bioma da floresta e dos grandes rios amazônicos (Le Tourneau, 2013).

21 No Brasil, as zonas verdes localizam-se sobretudo nas regiões de planície, uma vez que 15% do território brasileiro é coberto pelas florestas das planícies Amazônica e do Pantanal. Na França, por sua vez, as principais zonas verdes encontram-se em altitudes elevadas, como os Alpes ou os Vosges, e 10% de seu território possui certa cobertura vegetal de floresta. Nos dois países pode-se observar altos níveis de antropização, o que caracteriza a principal paisagem contemporânea.

22 O oceano que banha os dois países é o mesmo, o Atlântico. No Brasil, a costa se estende por mais de 7.408 km, desde o Cabo Orange até o ponto mais meridional do país, no Chuí. As principais zonas marítimas são o estuário do Amazonas, o litoral nordeste, a baía de Guanabara e a baía de Paranaguá. A França é rodeada pelos mares: Mar do Norte, canal da Mancha, Oceano Atlântico e Mediterrâneo.

23 Portanto, é preciso compreender como as formações territoriais das regiões francesas e dos estados brasileiros contribuíram para a construção desses países na atualidade, e em que medida elas explicam algumas diferenças geográficas entre eles. A influência desses dois países, assim como suas características, é determinante nas problemáticas regionais observadas na fronteira do Oiapoque.

24 24

25 Quando se fala da fronteira franco-brasileira, evidentemente não se trata da relação entre os dois Estados centrais, mas da zona limítrofe entre o Amapá e a Guiana Francesa, ao redor do rio Oiapoque. Nessa região, as condições socioeconômicas são muito inferiores às médias do Brasil e da França, segundo os estudos apresentados em publicações precedentes (Nonato Junior, 2015; 2016). Nesse contexto, a melhoria das condições socioeconômicas das sociedades locais é um dos grandes desafios da dinâmica regional, uma vez que essa região compõe uma zona fronteiriça ultraperiférica onde a maioria dos índices humanos é extremamente inferior aos encontrados nesses dois países (INSEE, 2010).

Imagem 1 – residência em um bairro popular da fronteira

Aumentar Original (jpeg, 128k)

26 Essa difícil realidade social torna a fronteira do Oiapoque "a periferia da periferia". Feita essa constatação, está clara a necessidade de analisar a participação do Brasil e da França na vida prática dessa fronteira. É por essa razão que discutir sobre a situação da escala dos países é indispensável para pensar os limites da regionalização na zona transfronteiriça.

"E então?" A região em uma rede de escalas, atores e objetos

27 Além de todas essas realidades, a fronteira franco-brasileira é também um cenário instigante para um dos debates mais interessantes da ciência geográfica: os limites entre dinâmicas regionais e globais na organização do espaço. No intuito de construir uma análise geral sobre essa problemática, nós utilizamos os dados e as experiências de campo na fronteira do Oiapoque para propor cinco "provocações" para se pensar sobre a condição regional frente ao "complexo geográfico" e que fazem parte da dinâmica do mundo atual. A saber: 1) o conceito de região é fortemente enraizado nos usos do espaço, no trabalho de campo e suas dinâmicas; o trabalho de campo ainda é a base da Geografia Regional, mesmo que ele demande novos procedimentos; 2) a região, enquanto fronteira internacional e intercontinental, forma-se através da tensão "dinâmica regional *versus* fronteira administrativa"; 3) a paisagem ainda mostra-se uma potente categoria para a análise regional, incorporando novos métodos e tecnologias; 4) a região é uma categoria geográfica altamente ligada à terra e às questões fundiárias; 5) as cidades são os "nós" da rede regional e seus "pontos nodais" atuam sobre a influência, a articulação, a dinamização e a mediação das relações homem-ambiente.

28 Essas reflexões podem ser estendidas a horizontes além dos limites do campo de pesquisa, dialogando com a epistemologia contemporânea da Geografia e as características da condição regional neste período de globalização crescente e desigual.

Região: a realidade do trabalho de campo continua sendo uma base fundamental

29 Vários teóricos insistiram na necessidade de repensar a crise epistemológica da Geografia Regional (Thrift, 1985; Hoekveld, 2014; Johnston, 2014, Claval, 2004), marcada, entre outros, pelos discursos em terceira pessoa, referindo-se a regiões ou regionalizações do campo teórico ou a um tema do passado.

30 Na pesquisa de campo na fronteira do Oiapoque, os resultados indicaram que os desafios da Geografia Regional contemporânea deveriam ser observados a partir das dinâmicas regionais vividas na experiência cotidiana, capazes de melhor delimitar esses desafios (Frémont, 1986). O cotidiano é importante para compreender a dinâmica de uma região. Além disso, a análise das condições de vida, a circulação de pessoas, a utilização dos recursos naturais e a fixação no espaço formam um sistema de elaboração das diferenças entre as áreas geográficas (Vidal de la Blache, 1911). Portanto, a Geografia Regional permanece sendo uma disciplina que analisa as linhas de organização do espaço, mas não apenas em escala local, pois ela vê o espaço como objeto híbrido, articulado vertical, horizontal e transversalmente com as forças políticas e sociais que formam a "análise de situação". As relações produzidas entre essas escalas revelam-se, sobretudo, no trabalho de campo.

31 Assim, considera-se que as grandes contribuições do campo de estudo da fronteira franco-brasileira ao debate regional fundamentam-se no próprio cenário das forças espaciais, na ocorrência da "região oiapoquense". Esse campo de estudos torna possível a discussão de diversos fluxos de mutação da dinâmica regional, revelando a região como uma categoria em correlação com outras escalas e categorias geográficas como o território, a paisagem e a fronteira. É graças a essa experiência que se pode perceber a região como marcada, não só pelo isolamento, mas pela dinâmica social, histórica e familiar.

32 Nessa perspectiva, a própria concepção de "região oiapoquense" desenvolvida ao longo da pesquisa analisada por este artigo (Nonato Junior, 2016) é uma observação central sobre a zona transfronteiriça franco-brasileira, considerando-a como um espaço que se projeta através das relações homem-ambiente, articuladas entorno do cotidiano de pessoas que estão acima das linhas administrativas, embora sob a influência e a pressão exercida pelas mesmas.

33 Recentemente, muito se falou do "revival" da Geografia Regional (Gilbert, 1988; Johnston, 2014), mostrando a necessidade de verificar a reconfiguração desses espaços em correlação a outras escalas e territórios. Nesse sentido, os aprendizados obtidos no campo de estudo da fronteira franco-brasileira contribuem para apresentar as experiências de vida que indicam novas configurações regionais, cujas bases não se encontram no isolamento da região, mas na sua coexistência com outros processos de territorialização e outras forças políticas. Assim, o campo de estudo revelou-se um laboratório privilegiado não só para se observar a tensão exercida pelas forças globais sobre o ambiente, instaurando uma crise das relações regionais, como também um excelente laboratório para pensar a regionalização como um produto, entre outros, da história vivenciada no território. A história compartilhada entre as populações da fronteira do Oiapoque fomentam discursos, sentimentos e imaginários locais sobre o pertencimento e as práticas regionais entre diferentes grupos sociais ribeirinhos da bacia fluvial. Trata-se também de um laboratório político para se discutir as diferenças entre região vivida e região administrativa, um debate clássico em Geografia.

A região geográfica como produto dos espaços vividos e a Região administrativa como convenção dos interesses políticos

34 A fronteira franco-brasileira do Oiapoque é também um espaço privilegiado para se observar empiricamente as diferenças entre região (r) e Região (R), isto é, região geográfica *versus* Região político-administrativa. O cenário oiapoquense revela-se particularmente interessante no contexto dessa análise. Isso deve-se a dois motivos. Primeiramente, a significação atribuída à linha que separa as Regiões administrativas, constituindo nada menos que um traçado internacional (entre Brasil e França), intercontinental (entre América do Sul e Europa), entre dois grandes mercados econômicos globais (Mercosul e União Europeia), entre duas línguas (o português e o francês) e entre províncias de diferentes *status* (o Estado do Amapá e o departamento ultramarino da Guiana Francesa).

35 O segundo motivo refere-se exatamente à contradição criada por essa linha, uma vez que todas essas condições requeridas de exposição internacional e continental tornam-se frágeis diante da realidade vivenciada. Apenas uma força é necessária para demonstrar toda a pompa atribuída a essa linha: a força das relações socioespaciais.

36 É diante de tal cenário que região com "r" e Região com "R" se encontram e se opõem, permitindo um debate particularmente interessante em torno da regionalização fundada nas relações homem-ambiente, pondo em perspectiva as regiões geográficas e Regiões enquanto meso-entidades político-administrativas.

37 No contexto da fronteira, a região construída pelas práticas sociais é marcada pela circulação de comunidades e grupos sociais entre diferentes pontos das margens do rio. Assim, é frequente escutar no discurso das pessoas alusões à "região da fronteira" ou ainda à "região do Oiapoque", para designar o conjunto de grupos sociais e espaços ao redor da bacia do rio Oiapoque. Considerando que, ao longo do século XX, essa região não possuía fácil acesso a zonas urbanas e que as linhas administrativas não tinham controle formal, as linhas regionais estabeleceram-se facilmente na ausência de limites fronteiriços oficiais.

38 Atualmente, no entanto, com o fortalecimento do controle fronteiriço e a abertura de vias de acesso pavimentadas, para as capitais dos Estados/departamentos, observa-se uma intensificação das escalas nacionais para forjar "novas regionalizações", através das quais cada lado da fronteira deve se regionalizar em relação às Regiões político-administrativas ao invés dos vínculos regionais que ultrapassem as entidades administrativas e estatais.

Esse processo inaugura um cenário extremamente interessante para os estudos regionais, uma vez que existem duas forças regionais em concorrência nas margens do rio Oiapoque: a força de coesão, que tenta manter a "região" com base nos vínculos entre comunidades locais, e a força de repulsão, que tenta pressionar cada limite da fronteira em direção à "Região" administrativa de cada uma das respectivas capitais. Para tornar possível essa segunda forma de regionalização, a linha administrativa foi fortalecida, a fim de limitar a regionalização baseada nas trocas entre comunidades dos diferentes países.

39 A partir desse contexto, esta experiência de pesquisa apresenta as dinâmicas da antiga e da nova regionalização, a primeira baseada na região oiapoquense e a segunda, na Região administrativa (Amapá e Guiana Francesa). As duas realizam-se ao mesmo tempo, por meio de diferentes estratégias, a segunda apoiando-se nos interesses de políticas oficiais e tentando diminuir a importância da primeira a fim de ampliar a formalização. Com esse processo, surge também o fenômeno da "nacionalização dos territórios", isto é, a assimilação de São Jorge à França e da cidade de Oiapoque ao Brasil. Assim, região e Região convivem em um ambiente complexo do qual participam diversas escalas e redes de atores associados ao funcionamento regional.

A região como categoria geográfica fortemente ligada à terra e às questões fundiárias

40 Ao longo de toda a pesquisa, apresentou-se a região tanto como categoria simbólica como material. Quanto a essa última dimensão, é a terra que caracteriza a materialidade da região e sua presença na vida das pessoas. Ela representa desde os espaços de vida até os direitos de uso e de propriedade sobre o ambiente.

41 A terra é também um dispositivo que revela as disputas históricas travadas por Brasil e França pela demarcação da fronteira do Oiapoque, assinalando os elementos de concretização da memória e o exercício do poder.

42 Um fato ainda mais revelador para pensar o papel da terra na dinâmica regional oiapoquense foi revelado pela dupla dimensão da natureza, tanto em seu papel físico quanto social. Nessa perspectiva, o diálogo regional mostrou-se de grande eficácia para abordar as dimensões físicas e humanas da região fronteiriça, tomando a geografia como fonte de conhecimento para a qual as duas dimensões são integradas e indissociáveis (Guyane/Assemblée, 2012).

43 É necessário destacar que o campo de estudo da fronteira do Oiapoque permitiu também analisar como a questão fundiária está presente nas dinâmicas regionais, marcando as hierarquias relativas à propriedade de terras para o trabalho e a habitação. Disso conclui-se que a questão da terra estará no centro da crise da propriedade, na fronteira franco-brasileira, durante os próximos anos, à medida em que diversas famílias de origem brasileira, que não têm direito a trabalho ou residência no território da Guiana Francesa, possuirão casas ou terras em São Jorge do Oiapoque. Dessa forma, o momento atual de ruptura com a lógica de funcionamento transnacional historicamente estabelecido gera uma crise de propriedade, fortemente questionada pelos habitantes e fruto de diversos conflitos - alguns já encerrados ou ainda em curso, além de outros que se anunciam.

Imagem 2 - zona rural em São Jorge do Oiapoque

Aumentar Original (png, 335k)

44 Ao dilema da terra soma-se o fato de que a maioria das terras pertencem ao poder público - aos dois Estados ou a outras unidades administrativas não vinculadas à fronteira - acarretando um sentimento de "escassez" de terra útil entre os habitantes (Guyane/Syndicat, 2012). Enfim, as diferentes burocracias exigidas em cada escala implicada na propriedade de terras públicas tornam a situação difícil, uma vez que falta compreensão local em relação aos processos e maneiras de resolver o dilema da terra na fronteira.

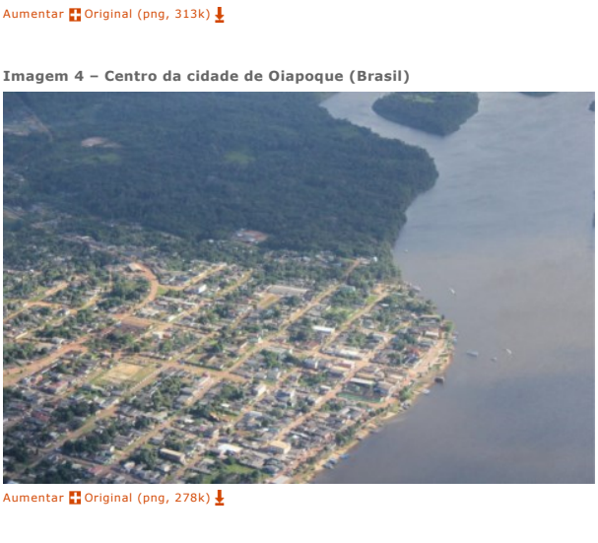
As cidades enquanto "nós" da rede regional e seus "pontos nodais" que agem sobre a influência, a articulação, a dinamização e a mediação das relações homem-ambiente

45 As cidades de São Jorge do Oiapoque, do lado francês, e Oiapoque, do lado brasileiro, cumprem um papel importante na regionalização, agindo como os centros polarizadores da rede de grupos sociais que vivem às margens do rio Oiapoque. Assim, as cidades têm papel de "nós" da rede, isto é, pontos de conversão e de convergência entre diferentes públicos, atores políticos e projetos transfronteiriços. Desse ponto de vista, a noção de nó baseia-se no conceito de Vidal de La Blanche (1922), ou seja, a "nodalidade" exercida pelas cidades sobre os contextos regionais; essas cidades se tornam pontos de encontro, convergência, conflito, troca e mediação entre diferentes atores e instâncias implicados na dinâmica de uma região.

Imagem 3 - Centro de São Jorge do Oiapoque (França)

Aumentar Original (png, 313k)

Imagem 4 – Centro da cidade de Oiapoque (Brasil)



Aumentar Original (png, 278k)

46 Nas cidades da fronteira franco-brasileira, é necessário também destacar o papel de cidades gêmeas, o que significa que o funcionamento de uma está diretamente implicado na existência da outra. Essa condição de supostas "gêmeas" reflete-se no uso que as pessoas fazem das cidades, usando uma como extensão da outra, procurando serviços, produtos, trabalho ou oportunidades que não encontram na margem oposta do rio. Dessa forma, as cidades são o vetor de uma circulação regional entre diferentes comunidades ribeirinhas, regiões rurais e centros urbanos.

47 Atualmente, o fortalecimento do controle fronteiriço alterou esse cenário, criando uma crise da situação articuladora que as cidades exercem sobre o fluxo regional da bacia do Oiapoque. Seja como for, o "nó" não desaparece, mas reconfigura-se em uma rede regional, adaptando-se aos arranjos que se devem firmar ser feitos em um contexto mais formal. De todo modo, se a "intensidade" do contato entre as duas cidades não se alterou, o mesmo não se pode dizer sobre a sua natureza, que de uma articulação baseada nas necessidades transformou-se em uma articulação fundada nas nacionalidades. Será preciso observar futuramente se as cidades de São Jorge do Oiapoque e Oiapoque poderão continuar sendo consideradas "gêmeas" ou simplesmente "vizinhas". As próximas décadas dirão.

As assimetrias do desenvolvimento regional no centro das problemáticas transfronteiriças

48 Diante do abandono histórico, a fronteira franco-brasileira se mostrou deficitária em termos de desenvolvimento socioeconômico. A pesquisa de campo revelou que essas problemáticas de desenvolvimento estão entre as principais questões que mobilizam o debate popular na fronteira do Oiapoque. Ao abordar temáticas relativas às condições de vida local e aos habitantes, percebemos que este tema é altamente mobilizador, provocando entre as pessoas longas conversas e muita indignação.

49 Um ponto importante do debate refere-se ao ceticismo da população diante das ditas políticas de desenvolvimento regional. Os habitantes relatam que, durante toda a história da fronteira, estiveram presentes políticas supostamente desenvolvimentistas, mas que quase nenhuma delas foi realizada visando melhorar as condições de vida local. Pelo contrário, essas políticas foram orientadas para as necessidades externas, com pouco envolvimento no que concerne às necessidades locais. Os habitantes também destacam que as condições básicas, que em via de regra são banais nos dois países envolvidos, tornaram-se um mito para alguns grupos sociais da fronteira. É o caso, por exemplo, do acesso à energia elétrica, internet, água potável e ao saneamento básico.

50 Outra ideia recorrente que se percebe nos relatos dos habitantes locais é de que as condições de vida na fronteira deveriam receber atenção especial por parte do Brasil e da França, uma vez que se trata de uma fronteira muito importante do ponto de vista político. O descontentamento local e as problemáticas sociais e econômicas acentuaram-se nos últimos anos, em decorrência do controle fronteiriço.

51 Ao fragilizar a rede de trocas regionais a partir do controle fronteiriço, Brasil e França acabaram por acentuar as já existentes, porém menos latentes, problemas econômicos. Além disso, provocaram um maior descontentamento entre os habitantes locais, que interpretaram esse fato como um ultimato. Além disso, a intensificação do controle fronteiriço também causou a partida forçada do território guianense de vários habitantes brasileiros, criando bolsões de miséria no lado brasileiro, como é o caso do bairro de Vila Vitória.

52 Assim, as problemáticas contemporâneas de desenvolvimento estão diretamente ligadas à crise regional. O pouco de equilíbrio social que existia anteriormente baseava-se nas trocas regionais que, uma vez modificadas, provocaram perturbações sociais e econômicas. É notável constatar a existência de comparações constantes nos relatos das pessoas. Citando a temática do desenvolvimento, são sistematicamente comparados: o passado e o presente; a França e a Guiana; o Amapá e o Brasil; a fronteira e a capital da província/Estado.

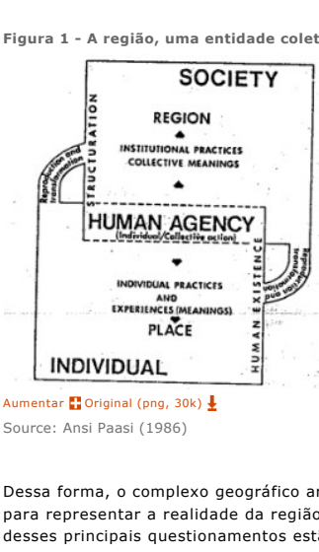
53 No que concerne às políticas contemporâneas de desenvolvimento adjetivadas como regionais, os habitantes mostram desconfiança em relação aos dois termos. Eles questionam a possibilidade de "desenvolvimento", chamando a atenção para a precariedade das condições sociais existentes e para o histórico de projetos não realizados, e desconfiam do termo "sustentabilidade" ao argumentar que uma sociedade sustentável não é possível em um lugar onde não há desenvolvimento social segundo níveis mínimos necessários, onde não se dá nenhuma resposta de fato às questões vitais como trabalho, alimentação e igualdade de direitos humanos (particularmente no que diz respeito às diferenças de *status* na fronteira).

54 Sobre esse último ponto, é preciso destacar que as assimetrias de desenvolvimento não são questionadas apenas em nível vertical (entre fronteiras e países), mas também em nível horizontal (entre as duas margens do rio). O município do Oiapoque questiona especialmente as diferenças nas condições de vida e critica o Estado brasileiro, que não oferece uma estrutura mínima de serviços públicos, de urbanização e de presença estatal como há em São Jorge do Oiapoque e que deveria igualmente existir do lado brasileiro. O município brasileiro também mostra que a clivagem entre as duas cidades aumenta após a intensificação do controle fronteiriço, privilegiando o lado francês, que utiliza a mão de obra brasileira a custo extremamente baixo, recebe em euros e gasta em reais. Existe um alto descontentamento entre os habitantes em relação à ausência de posicionamento do Estado brasileiro no que toca à igualdade de condições na fronteira.

"Então, qual horizonte?" A dinâmica regional atual rumo a uma retomada da perspectiva em rede do complexo geográfico

55 O conceito de complexo geográfico, tal qual pensado por Pierre Monbeig, é pioneiro ao abordar a concepção de região geográfica enquanto rede de articulação entre diversos fatores humanos e físicos (Théry et Droulers, 1991; Dantas, 2009). Ao longo da pesquisa de campo realizada na fronteira do Oiapoque, foi possível observarmos a potência desse conceito para analisar os processos regionais contemporâneos. Portanto, a região é, ao mesmo tempo, uma entidade coletiva e individual.

Figura 1 - A região, uma entidade coletiva e individual



Aumentar Original (png, 30k)

Source: Ansi Paasi (1986)

56 Dessa forma, o complexo geográfico articula-se como um quadro teórico para representar a realidade da região oiapoquense, uma vez que parte desses principais questionamentos estão presentes como elementos que compõem a rede regional (Human Agency): relações homem-ambiente, paisagens físicas e culturais, práticas institucionais e experiência como linhas de articulação regional.

57 A partir da fronteira franco-brasileira, foi possível também dialogar com perspectivas contemporâneas que movimentam a ideia de complexidade em Geografia por meio do conceito de redes. As redes marcam a existência da região oiapoquense, já que ela é o resultado de redes de circulação, parentesco, extração e utilização de recursos naturais, habitação, propriedade e de trabalho (Brunet, 1972).

58 Desse modo, o que melhor define a região estudada não são os limites visíveis, mas as redes de articulações humanas, ambientais, políticas e sociais que a compõem. Portanto, a região apresenta um movimento duplo: de um lado, relacionando-se com a interpretação regional da Geografia complexa de Monbeig, voltada para o compartilhamento de modos de vida entre habitantes e na relação homem-ambiente como base na dinâmica entre os grupos sociais que convivem na fronteira. De outro lado, ele volta-se para o debate contemporâneo sobre as redes regionais, que representam espaços multiescalares disputados por diferentes atores e em condições desiguais, submetidos a forças políticas externas que compõem o "quebra-cabeça" da nova leitura de transformações geográficas de regiões. Assim, o complexo geográfico deve pensar a região como espaço em múltiplas escalas, marcadas pelas disputas entre forças diferentes e desiguais.

59 A região oiapoquense é também um interessante laboratório para discutir uma das mais polêmicas questões no estudo de regiões contemporâneas: sua convivência com múltiplas escalas. Ao longo deste artigo, destacamos a presença multiescalar da região da fronteira franco-brasileira, que pode ser observada em praticamente todas as ações e instâncias quotidianas. As flutuações da renda local devem-se às conversões monetárias entre o euro e o real. A comercialização também implica mercadorias provenientes da Europa, do lado francês, que elevam os preços locais, introduzindo produtos e faixas de preços diferenciados da realidade amazonense.

60 Diversas ações quotidianas, como a agricultura, o corte de árvores ou a construção de casas também são sujeitas à interferência de várias escalas que têm um impacto sobre associações de moradores das duas margens da fronteira, sobre parques ecológicos locais, governos municipais ou até da União Europeia, que legisla sobre todas as normas agrícolas e extrativistas e sobre a habitação no território francês.

61 Assim, a região do Oiapoque é mais que um espaço bilateral, pois trata-se de um território transnacional e transcontinental no qual combinam-se normas, costumes e demandas de diferentes escalas. Estas normas são tão arraigadas nas ações quotidianas que se torna difícil traçar suas origens ou determinar se tal situação diz respeito exclusivamente às demandas francesas ou brasileiras, populares ou governamentais (Rius, 2011); de fato, cada agente político acaba por adotar as ideias e procedimentos dos outros. As escalas aparecem em grupo, misturadas, sendo cada uma delas apenas uma manifestação diferenciada de uma mesma realidade. Como em um novelo cujos fios variam enormemente em cor e quantidade, cada fio conserva sua cor original, mas quando elas estão demasiadamente emaranhadas torna-se difícil distingui-las umas das outras ou apontar onde começa e termina cada uma delas.

62 Neste caso, o fato de que as escalas estejam imbricadas não significa que elas desfrutem da mesma posição de poder. As lutas entre escalas são lutas entre diferentes agentes cujas forças são desiguais. Nessa disputa interescalar, observamos amplas transformações de instituições de base, organizações populares e gestões locais a fim de adaptarem-se a novas imposições de escalas externas. No caso da fronteira franco-brasileira, é preciso destacar que não se pode falar de escalas nacionais em plano de igualdade: na realidade, as ações do Brasil e da França são muito diferentes. Enquanto percebemos no modo de agir brasileiro a marca da omissão, sendo inclusive os poderes públicos brasileiros incapazes de dar cabo a acordos assinados há mais de uma década, constatamos que a França cumpre o papel de protagonista nas transformações políticas oficiais na fronteira. São as políticas e os atores do governo francês que materializam as estratégias de controle fronteiriço, impondo regras nacionais e internacionais nos espaços locais e "nacionalizando" a margem guianense do Oiapoque, contribuindo para a "estigmatização" da margem oposta.

63 Assim, as transformações da fronteira refletem a luta entre agentes de forças desiguais, sejam escalas horizontais ou verticais, implicando a subordinação e a adaptação de interesses populares ao capital externo, ou ainda induzindo acordos geopolíticos realizados em detrimento dos interesses dos habitantes locais.

Conclusões: "Que regiões?"

64 Em suma, o horizonte analisado a partir dessa pesquisa permite que nos encaminhemos para algumas reflexões:

65 A região é um conceito que estabelece um vínculo com a realidade vivida, sendo o recorte espacial que as pessoas utilizam para designar uma territorialidade: "eu nasci em tal região", "eu conheço bem tal região", "eles são de outra região". É interessante observar que o parâmetro de recorte em unidades espaciais não é de modo algum relacionado a um tipo de unidade administrativa específica, mas antes a um certo uso do espaço. Pode ser um grupo de comunidades, cidades, vilas, bairros, redes territoriais, reservas ecológicas ou locais históricos. Todas essas unidades podem ou não fazer parte de divisões administrativas que demarcam oficialmente a regionalização no plano político.

66 Além disso, o conceito de região é um dispositivo essencial para analisar a realidade geográfica, pois a geografia, tomada em uma dimensão mundial, não é homogênea e as diferentes áreas geográficas do mundo regionalizam-se em função do uso do território, técnicas empregadas e de experiências vividas pelos indivíduos.

67 A região é um mosaico de "mundialidades" e de "localidades", combinadas ao fluxo de disposições espaciais. Os estudos regionais nos ensinam que as regiões constituem tais mosaicos formados por ações geográficas locais e políticas, projetos e produtos mundiais. Assim, em cada reconfiguração regional é estabelecido um jogo de combinações entre "eu" e o "outro", cada um desses agentes tendo parte do outro em si, o que faz com que o geral e o específico realizem-se simultaneamente, mesmo que eles não se dissolvam um no outro completamente, mas se combinem em mosaico.

68 A região é um conceito que, entre outras coisas, evoca uma leitura política da realidade espacial. Ela permite visualizar diferenças territoriais entre povos e culturas e suscita uma análise de combinações que conduzem a sociedade a organizar-se no espaço, diante da desigualdade de condições materiais e econômicas. Ela é, além disso, política, na medida em que põe em evidência outras forças que atuam no espaço para além da globalização.

69 A análise regional é um método para provocar a leitura das redes, articulações e tramas da região. Essa estratégia clássica mapeia a região a partir de um estudo das dinâmicas regionais, combinado à análise da situação (Monbeig, 1957), que trata das ações, escalas e atores que influenciam a delimitação das estruturas e linhas das redes regionais. Hoje, o método de análise regional encontra-se revitalizado pela observação, leitura e interpretação dos recortes geográficos, tensões e disposições entre escalas locais e globais (Le Tourneau, 2013; Nonato Junior, 2016; Oliveira, 2019). Para ser posto em prática, o método de análise regional pode desenvolver-se em diferentes frentes: *procedimentos documentais*, capazes de elucidar os processos normativos que induzem, caracterizam ou interferem nas dinâmicas regionais; *procedimentos de campo*, capazes de conduzir a observações, rastreamentos, descrições, discussões, avaliações e análises da realidade; *procedimentos de laboratório*, por meio dos quais os estudos regionais apoiam-se nas novas tecnologias espaciais para trabalho em SIG, os dispositivos móveis, a geoestatística, os indicadores, a cartografia especializada e a modelização gráfica. Desse modo, a análise regional é também uma estratégia teórico-metodológica para se discutir limites, possibilidades e transformações relativas às maneiras de compreender o fenômeno regional, a partir de problemáticas e técnicas atuais.

70 A região enquanto categoria provoca uma atualização epistemológica da ciência geográfica. Inúmeras vezes sujeito a polêmicas na Geografia, o conceito de região tornou-se um importante instrumento para a análise de limites e potencialidades próprias ao objeto dessa ciência. Dessa forma, estudar a região equivale a analisar o mundo inteiro a partir das experiências vividas em uma parte do globo, sondando os sistemas de objetos e de ações geográficas, assim como os fluxos e as restrições que influenciam a espacialidade. Nessa perspectiva, o objeto da Geografia é alimentado pela diversidade de leituras, análises e experiências que se inserem nos novos arranjos espaciais representados pelas regiões no mundo contemporâneo.

Bibliografia

Os DOI se acrescentam automaticamente às referências por Bilbo, a ferramenta de anotação bibliográfica. Os usuários de aquelas instituições quem subscrevem a unos de nossos programas OpenEdition Freemium podem baixar as referências bibliográficas para os quais Bilbo achou um DOI.

Brunet, Roger. Pour une théorie de la géographie régionale. La pensée géographique contemporaine. Mélanges offerts à André Meynier, Rennes, Presses Universitaires de Bretagne: 649-662, 1972.DOI: 10.3406/tigr.1972.949
DOI : 10.3406/tigr.1972.949

Brunet, Roger; Ferras, R., Théry, Hervé. Les mots de la Géographie. Montpellier/ Paris: Reclus/ La documentation française, 1992.

Claval, Paul. Géographie Régionale: de la région au territoire. Paris: collection U, Armand Collin, 2004.

Dantas, A. " Monbeig e a noção de complexo geográfico". Revista Confins. Nr. 07, 2009. Disponível em: DOI: 10.4000/confins.6091

http://confins.revues.org/6091
DOI : 10.4000/confins.6091

D'Hautefeuille, M. B. Entre marge et interface: recompositions territoriales à la frontière franco-brésilienne (Guyane/Amapa). Thèse de Doctorat à l'Université Antilles-Guyane, dans le cadre de l'École pluridisciplinaire (Pointe-à-Pitre). Cayenne, 2012. Disponível em: http://www.theses.fr/2012AGUY0504

Droulers, Martine. Brésil: une Géohistoire. Paris: PUF, 2001.

Frémont, A. Região, espaço vivido. Coimbra: Almedina, 1986.

Gilbert, A. The new regional geography in English and French-speaking countries. Progress in Human Geography, vol, 2, n. 2, 1988.
DOI: 10.1177/030913258801200203
DOI : 10.1177/030913258801200203

Girard, N. La région: une notion géographique? Revue ethnologie française, vol. 34, 2004.
DOI : 10.3917/ethn.041.0107

Girault, René; Frank, Robert. Relations internationales contemporaines. T. 1. Paris: Masson, 1985.

Granger, Stéphane. Guiana francesa, um território europeu e caribenho em via de "sul-americanização" ? Revue Confins [Online], nº 4, 2008. Acesso em: novembro 2012. Disponível em: http://confins.revues.org/5003

Grenand, François. Enjeux de territoire sur une frontière méconnue. Revue Confins n. 16, 2012. Acesso em: novembro 2012. Disponível em: http://confins.revues.org
DOI: 10.4000/confins.7961
DOI : 10.4000/confins.7961

Guyane/Assemblé des Députés. Lettre ouverte au président de la république. Objet: statut frontalier. Cayenne, 13 janvier 2012.

Guyane/Syndicat des Jeunes Agriculteurs. Guide de l'agriculteur guyanais. Réalisé par Syndicat des Jeunes Agriculteurs de Guyane et Agence de Services et de Paiement. Cayenne, 2012.

Haesbaert, R. Regional-Global. Dilemas da Região e da Regionalização na Geografia Contemporânea. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

Haesbaert, R; Pereira, S. N. ; Ribeiro, G. Vidal, Vidais: textos de Geografia Humana, Regional e Política. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

Hauer, Joost. What about regional geography after structuration theory? In: Johnston, R. J. et al. Regional Geography. Routhledge, 2014.

Hoekveld, Gerard A. Regional Geography must adjust to new realities. In: Johnston, R. J. et al. Regional Geography. Routhledge, 2014.

Insee/ Institut national de la statistique et des études économiques. Données statistiques 2010. Acesso em maio 2012. Disponível em: <www.insee.fr>

Insee/ Institut national de la statistique et des études économiques. Données physiques: hidrographie, 2011. Acesso em julho 2013. Disponível em: <www.insee.fr>

Johnston, R. J.; Houer, J. Hoekveld, G.A. Regional Geography: current development and future prospects. Routhledge, 2014.

Le Tourneau, François-Michel. Le Jari, geohistoire d'un grand fleuve amazonien. Rennes, presses universitaires de Rennes, 2013.
DOI: 10.4000/books.pur.47974
DOI : 10.4000/books.pur.47974

Le Tourneau, François-Michel; Droulers, Martine. Amazonie brésilienne et développement durable. Paris: Belin, 2010.

Lencione, S. Região e Geografia. São Paulo: EdUSP, 1999.

Lessa, Antonio Carlos. O sistema político francês contemporâneo: em busca da normalidade. In: França: Visões Brasileiras.1 ed.Brasilia: Ministério das Relações Exteriores/Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais, 2004, p. 133-164.

Marston, Sallie A. The social construction of scale. Progress in Human Geography 24-2. Arizona University, 2000. p. 219-242.

Monbeig, P. Novos estudos de Geografia humana brasileira. São Paulo: difusão européia do livro, 1957.

Nonato Júnior, R. "La France et le Brésil le l'Oyapock". Revista Confins, n. 24, abr. 2015. Disponível em: confins.revues.org/10316

Nonato Junior, R. Géographie Régionale de la frontière Brésil-France: la tension entre régionalisation et internationalisation de l'espace oyapockois. Thèse de doctorat en Géographie à l'Université Sorbonne Paris Cité (Université Paris 3). Paris: France, 2016.

Nonato Junior, R. "Geografia Regional em tempos de globalização: experiências da fronteira França-Brasil", Confins [En ligne], 26 | 2016, mis en ligne le 15 juillet 2016b.

Paasi, A. "The Region, identity, and power". Procedia Social and Behavioral Sciences, 14 (9–16), 2011.
DOI: 10.1016/j.sbspro.2011.03.011
DOI : 10.1016/j.sbspro.2011.03.011

Paasi, A. Region and Place: regional identity in question. Progress in Human Geography, vol. 27, n. 4, 2003.
DOI: 10.1191/0309132503ph439pr
DOI : 10.1191/0309132503ph439pr

Paasi, A. The institutionalization of regions: a theoretical framework for understanding the emergence of regions and the construction of regional identity. Fennia, 164-1, 1986. Pp. 105-146.
DOI: 10.11143/9052
DOI : 10.11143/9052

Rius, Mireille. Saint-Georges de l'Oyapock, un méso-tope en mutation. Publication AUDEG – Agence d'Urbanisme et Développement de la Guyane/ série "Territoires", juin 2011.

Santos, Milton. Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo: Hucitec, 1994.

Silva, G. V. A cooperação transfronteiriça entre Brasil e França: ensaios e expectativas neste século XXI. Rio de Janeiro, 2015. Tese (Doutorado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Théry, Hervé; MELLO, Neli Aparecida. Atlas do Brasil – disparidades e dinâmicas do território. São Paulo: EDUSP, 2009.

Théry, Hervé. France-Brésil: un pont géopolitique [on line]. Acesso em: juin 2011. Disponível em: www.diploweb.com/spip.php?article799

Théry, Hervé; Droulers, Martine. Pierre Monbeig, un géographe pionnier. Coleção Travaux et Mémoires. Paris, IHEAL, 1991.

Thrift, N. For a new regional geography. Progress in Human Geography. Vol. 3, 1993.
DOI: 10.1177/030913259001400205
DOI : 10.1177/030913259001400205

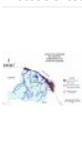
Vidal de La Blache, P. Les genres de vie dans la géographie humaine. Annales de Géographie, v. 20, n. 112. p.289-304, 1911.

Notas

[1] Subdivisão territorial dos departamentos. Semelhantes a "distritos". Não confundir com os *arrondissements* municipais de Paris, Marseille e Lyon. (N.T.)

[2] Em 2015, a França passou por uma reforma que alterou sua divisão territorial. Em vigor desde o dia primeiro de janeiro de 2016, a nova divisão estabelece: 18 regiões (13 regiões metropolitanas e as cinco regiões ultramarinas); 332 *arrondissements*; 2.054 cantões e 34.968 comunas. (N.T.)

Índice das ilustrações



Título	**Mapa 01 – A rede hidrográfica sul-norte na fronteira do Oiapoque**
URL	http://journals.openedition.org/confins/docannexe/image/50930/img-1.png
Ficheiro	image/png, 167k

Título	**Mapa 02 – O estuário do Oiapoque: um complexo geográfico formado pelo rio, mar, floresta e cidades**
URL	http://journals.openedition.org/confins/docannexe/image/50930/img-2.png
Ficheiro	image/png, 365k

Título	**Imagem 1 – residência em um bairro popular da fronteira**
URL	http://journals.openedition.org/confins/docannexe/image/50930/img-3.jpg
Ficheiro	image/jpeg, 128k

Título	**Imagem 2 - zona rural em São Jorge do Oiapoque**
URL	http://journals.openedition.org/confins/docannexe/image/50930/img-4.png
Ficheiro	image/png, 335k

Título	**Imagem 3 - Centro de São Jorge do Oiapoque (França)**
URL	http://journals.openedition.org/confins/docannexe/image/50930/img-5.png
Ficheiro	image/png, 313k

Título	**Imagem 4 – Centro da cidade de Oiapoque (Brasil)**
URL	http://journals.openedition.org/confins/docannexe/image/50930/img-6.png
Ficheiro	image/png, 278k

Título	**Figura 1 - A região, uma entidade coletiva e individual**
Créditos	Source: Ansi Paasi (1986)
URL	http://journals.openedition.org/confins/docannexe/image/50930/img-7.png
Ficheiro	image/png, 30k

Para citar este artigo

Referência eletrónica
Raimundo Nonato Junior, «A geografia e a questão regional: o complexo geográfico entre regionalização e internacionalização do espaço», *Confins* [Online], Traduções, posto online no dia 31 março 2023, consultado o 22 janeiro 2024. URL: http://journals.openedition.org/confins/50930; DOI: https://doi.org/10.4000/confins.50930

Autor

Raimundo Nonato Junior
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN-Natal)

Artigos do mesmo autor

Deux grands sites comme leviers de développement régional [Texto integral]
Aménagement du territoire autour du GSF Pointe du Raz en Cap Sizun (France) et Ponta Negra, à Natal (Brésil)
Dois sítios importantes como alavancas de desenvolvimento regional: desenvolvimento regional em torno do GSF Pointe du Raz, em Cap Sizun (França) e Ponta Negra, em Natal (Brasil).
Two major sites as regional development levers: regional development around the GSF Pointe du Raz, in Cap Sizun (France) and Ponta Negra, in Natal (Brazil).
Publicado em *Confins*, 61 | 2023

Geografia e Inteligência Territorial: conceitos, métodos e práticas aplicados à pesquisa em Segurança Hídrica [Texto integral]
Géographie et intelligence territoriale : concepts, méthodes et pratiques appliqués à la recherche sur la sécurité de l'eau
Geography and territorial intelligence: concepts, methods and practices applied to water security research
Publicado em *Confins*, 60 | 2023

Un océan de possibilités : la géographie face aux nouveaux usages de la mer et du littoral par les énergies renouvelables [Texto integral]
An ocean of possibilities: geography and the new uses of the sea and coastline by renewable energies
Um oceano de possibilidades: a geografia e as novos usos do mar e da linha costeira pelas energias renováveis
Publicado em *Confins*, 59 | 2023

O trabalho de campo em geografia: as paisagens e os grandes espaços naturais [Texto integral]
Fieldwork in geography: landscapes in sparsely populated areas
Le travail de terrain en géographie : le paysage dans les grands espaces
Publicado em *Confins*, 43 | 2019

Paisagens do Rio Grande do Norte: uma introdução às diversidades regionais e marcas das ações geográficas no espaço potiguar [Texto integral]
Les paysages du Rio Grande do Norte: une introduction aux diversités régionales et aux marques geographiques dans l'espace potiguar
Landscapes of Rio Grande do Norte: an introduction to regional diversity and geographical features on potiguar space.
Publicado em *Confins*, 34 | 2018

Cartografias ambientais do Rio Grande do Norte [Texto integral]
Cartographies environnementales du Rio Grande do Norte
Environmental cartography of Rio Grande do Norte
Publicado em *Confins*, 34 | 2018

Todos os textos...

Tradutores

/Tradução de Rodrigo Machado Mahfuz

revisão de Patrícia Reuillard (UFRGS).

Direitos de autor

Apenas o texto pode ser utilizado sob licença CC BY-NC-SA 4.0. Outros elementos (ilustrações, anexos importados) são "Todos os direitos reservados", à exceção de indicação em contrário.

Este site utiliza cookies e dá-lhe controle sobre o que quer ativar

✓ OK, aceitar tudo
✗ Proíbe todos cookies
Personalizar
Política de Privacidade